

# Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas

Rui Maia Diamantino  
(Organizador)



 **Atena**  
Editora

Ano 2019

# Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas

Rui Maia Diamantino  
(Organizador)



 **Atena**  
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C749	Conhecimento e diversidade em psicologia [recurso eletrônico] : abordagens teóricas e empíricas / Organizador Rui Maia Diamantino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF. Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-732-1 DOI 10.22533/at.ed.321192319  1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. I. Diamantino, Rui Maia.  CDD 150
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior   CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Esta publicação apresenta a diversidade da Psicologia não somente quanto ao objeto de interesses de pesquisa como, também, nas abordagens que embasam as investigações. Nesse sentido, a filosofia heideggeriana comparece com colaborações diversas tais como a filosofia em si e as questões contemporâneas articuladas ao âmbito do trabalho nas organizações. Quanto a estas, a discussão sobre o diagnóstico organizacional, presente em um dos estudos, faz o contraponto com o olhar fenomenológico, enriquecendo a discussão sobre a natureza do trabalho.

Verifica-se, também, a busca de embasamento em Piaget e Kohlberg, cada qual na sua perspectiva em torno do desenvolvimento moral. Visa-se, com isso, discutir aspectos da educação, sendo que, de Piaget e seus princípios da formação do pensamento, propõe-se uma discussão sobre o objeto abstrato da matemática.

A avaliação psicológica também é tratada aqui no campo do comportamento da estética cirúrgica buscando uma interface com a Medicina, qual seja, os aspectos psicológicos que estão implicados nos processos de mudanças da imagem corporal e a necessidade de avaliação prévia e *a posteriori* dos possíveis efeitos dos procedimentos cirúrgicos. Esse é um tema bastante atual e que abrange uma esfera multidisciplinar.

O estudo da infância e das políticas públicas também comparecem neste volume, propondo contribuições para a sociedade e a cidadania desde os anos iniciais dos indivíduos, centradas na importância do brincar (que é coisa muito séria na Psicologia). A Psicologia na educação é aqui considerada como capaz de produzir potência nos ambientes onde se processa o aprendizado, respeitando a condição da criança em seu desenvolvimento físico e mental.

A atuação hospitalar, vista como meio de atendimento humanizado e não apenas centrada no modelo biomédico, ou seja, visando os sintomas do corpo como indicativo de adoecimento, é discutida sob o ponto de vista de duas experiências que mostram a importância da subjetividade no campo do acolhimento em saúde. Em ambos os relatos, o atendimento hospitalar vai além do ponto de vista fisiológico da demanda hospitalar para focar as lentes sobre o sujeito que sofre, sobretudo psiquicamente.

Finalmente, destaca-se a contribuição sobre o conceito e a representação em ciência por estudantes que iniciam sua vida universitária, experiência colhida na Universidade de Buenos Aires. Trata-se de uma substancial discussão que traz aportes diversos e cotejos de caráter epistemológico a partir da questão sobre o que afinal, é ciência.

Com esta diversidade de temas, reafirma-se o caráter amplo da Psicologia, sua abrangência de saberes e práticas. Que essa diversidade possa ser de proveito ao leitor e à leitora deste volume.

Bons estudos, boa leitura!

Rui Maia Diamantino

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
COMPREENSÕES SOBRE O INFINITO MATEMÁTICO	
Cristina Cavalli Bertolucci	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923191</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
DEL CAMBIO CONCEPTUAL A LA RE-ESTRUCTURACIÓN REPRESENTACIONAL: ESTUDIO DE CASO A PARTIR DE LA NOCIÓN DE CIENCIA QUE POSEEN LOS INGRESANTES A LA UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES	
Mariela Genovesi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923192</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
EXISTÊNCIA E FINITUDE DA MORTE COMO HORIZONTE DE SINGULARIZAÇÃO À TÉCNICA COMO FIM DO TEMPO	
Paulo Victor Rodrigues da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923193</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA E A DES-MEDIDA DO TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE	
Elina Eunice Montechiari Pietrani	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923194</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
MUDANÇAS DO COMPORTAMENTO EMPRESARIAL ATRAVÉS DO DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL	
Diana Sara Soligo	
Jaqueline Paholski	
Jaqueline Samara Oliveira Alba	
Juliana Antônia Partichelli Santin	
Cristina Ribas Teixeira	
Nadine Teixeira Piloni Fabiani	
Patrícia Di Francesco Longo	
Gisele Maria Tonin da Costa	
Lisiane Borges da Silva	
Antoniéle Carla Stephanus Flores	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923195</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
O BRINCAR NA PRIMEIRA INFÂNCIA E A SUA GARANTIA EM POLÍTICAS PÚBLICAS	
Caroline Marques da Silva	
Roseli Fernandes Lins Caldas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923196</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>75</b>
AMBIENTE SOCIO MORAL E A CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Heloisa Braga Santos Ana Cláudia Saladini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923197</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>87</b>
A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM PACIENTES DE CIRURGIAS PLÁSTICAS: ESTUDO EXPLORATÓRIO COM PROFISSIONAIS DA ÁREA	
Gabriela Carolina de Assis Rodrigues Sandra Fernandes de Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923198</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>110</b>
PSICOLOGIA DA SAÚDE: O ACOLHIMENTO HUMANIZADO NA SALA DE OBSERVAÇÃO DE UMA UNIDADE PRÉ-HOSPITALAR	
Cali Rodrigues de Freitas Cybele Carolina Moretto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923199</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>124</b>
EMERGÊNCIA PSIQUIÁTRICA: AS DIFERENÇAS ENTRE URGÊNCIA MÉDICA E URGÊNCIA SUBJETIVA	
Priscila Borges Lyons Rui Maia Diamantino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32119231910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>136</b>
TERAPIA PERIPATÉTICA DE GRUPO: UMA SITUAÇÃO CLÍNICA	
Demétrius Alves de França	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32119231911</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>139</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>140</b>

## A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA E A DES-MEDIDA DO TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE

**Elina Eunice Montechiari Pietrani**

Universidade Veiga de Almeida

Rio de Janeiro, RJ

**RESUMO:** O objetivo deste estudo é tecer uma reflexão sobre o contexto do trabalho na atualidade, tendo como base as concepções da psicologia fenomenológico-hermenêutica em Martin Heidegger. O trabalho, desde a Revolução Industrial, e cada vez mais intensamente, vem apresentando um modo de estabelecimento de sentidos determinado preponderantemente pela produtividade incessante, desdobrando-se em metas e resultados sempre inalcançáveis, requerendo do homem o envolvimento total com o seu trabalho, não havendo espaço para a moderação. Desse modo, buscando atender às orientações do seu tempo, o próprio sujeito é tomado em seu produzir de forma ilimitada. Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*, dá relevo ao fato de que o homem, uma vez que se constitui na relação com o mundo e sendo essa relação caracterizada pela indeterminação, tende, de início e na maior parte das vezes, a assumir as orientações do mundo que é o seu. Tomando como referência as verdades ditadas pelo mundo moderno, baseadas no pensamento técnico-calculante e que Heidegger nomeou como era da técnica, o homem se defronta com o caráter de desmedida do trabalho vigente,

vivendo essa relação de forma objetificada, pois que sua condição humana é posta em segundo plano, decorrendo, daí, a dor e o sofrimento psíquico. Ao pensarmos a relação do trabalhador para com sua tarefa além dos limites da produtividade, tendo como base a fenomenologia hermenêutica, passamos a compreender esse projeto a partir do modo como este se situa singularmente na relação do homem-trabalho, dentro do horizonte histórico no qual essa relação se encontra.

**PALAVRAS-CHAVE:** trabalho; produtividade; psicologia fenomenológico-hermenêutica.

### THE PHENOMENOLOGICAL-HERMENEUTIC PSYCHOLOGY AND THE DES-MEASURE OF WORK IN CONTEMPORANEITY

**ABSTRACT:** The objective of this study is to provide a reflection on the context of the current work, based on the conceptions of phenomenological-hermeneutic psychology in Martin Heidegger. Work, since Industrial Revolution, and increasingly intensely nowadays, has been presenting a mode of establishment of meanings determined predominantly by incessant productivity, unfolding into goals and results always unattainable, requiring human being to be totally involved in its work, with no space for moderation. In this way, seeking to attend to the orientations of its



historical time, human being itself is taken over in its unlimited production. Heidegger, in his work *Being and Time*, emphasizes the fact that that man and woman, since they are constituted in the relation with the world and being this relation characterized by the indetermination, tends, at the beginning and in the majority of the times, to assume the influences of their world. Taking as reference the truths dictated by the modern world, based on the technical-calculating thought and that Heidegger named as technique age, the man faces the character of excessive work, living that relation of objectified form, because its human condition is placed in the background, resulting, from there, pain and psychic suffering. When we reflect the relation of the worker to his task beyond the limits of productivity, based on the hermeneutic phenomenology, it is possible to understand this project as it stands singularly in the relation of man-work, within the historical horizon in which this relationship lies.

**KEYWORDS:** work; productivity; phenomenological-hermeneutic psychology.

## 1 | INTRODUÇÃO

Desde as primeiras revoluções industriais e mais intensamente na atualidade, o horizonte do trabalho vem apresentando um modo de estabelecimento de sentidos determinado preponderantemente pela produtividade incessante, a qual, por sua vez, se desdobra em metas sempre inalcançáveis, exigências de qualificação constante por parte dos trabalhadores e um fazer e refazer ininterruptos, seguido de posterior descarte, de modo que a produtividade nunca cesse.

Nos primeiros tempos da Revolução Industrial, a força física humana é que era demandada, com fins de operar o grande maquinário que superlotava as fábricas do então engenheiro Frederick Taylor. Com as mudanças no campo do trabalho e os avanços cada vez mais acirrados da tecnologia, as máquinas foram pouco a pouco substituindo a figura do homem. Permaneciam, entretanto, suas habilidades mentais a serem exploradas. Dessa forma, o Toyotismo e a flexibilização dos processos de produção dos anos 80, passaram a envolver o homem e seu imaginário, seu poder de criação, seu envolvimento e comprometimento com o trabalho, direcionando essas habilidades para incrementar o processo produtivo.

Vemos, desse modo, por um lado, que o mundo do trabalho se encontra envolvido em uma vertiginosa espiral, que orienta e demanda comportamentos, com fins ao atingimento de resultados. De outro lado, entretanto, vemos crescer as estatísticas de transtornos psíquicos relacionados ao trabalho, como a depressão, pânico e até mesmo o suicídio (CASTRO, 2014; FREITAS, 2011). É nesse sentido que este estudo nos estimula a lançar outros olhares para esse contexto, colocando em questão essa relação.

Martin Heidegger (1953/2007), em sua conferência *A questão da técnica*, chama a atenção ao modo com que o homem vem se relacionando em suas diversas instâncias na atualidade, ao que ele denominou como *era da técnica*, a qual teria se

iniciado com o período conhecido como a *era moderna*. Esta, por sua vez, é entendida como um tempo determinado por um novo projeto metafísico fundamental, isto é, por uma nova interpretação do ente na totalidade e por uma nova apreensão da verdade. Esse tempo passou a ocorrer a partir do momento em que o homem abandonou a capacidade e a disposição para a reflexão sobre as coisas que aconteciam e se deixou atravessar pelo domínio da ciência, em que o pensamento que prevalece sobre todas as coisas é o pensamento científico. Neste as coisas são pensadas apenas pelo modo do cálculo, ou seja, pela sua relação de causa e efeito, pela sua tangibilidade e pelo seu valor mensurável, sem o qual as coisas não fazem sentido.

É a partir dessas concepções que compreendemos que a relação homem-trabalho também se constituiu: uma relação que somente se vale se vivenciada de forma pragmática e visando resultados. Assim sendo, o homem passou a vivenciar uma relação com o trabalho de forma estritamente positivista, visando atingir objetivos, ainda que emoldurada pelo discurso da realização pessoal.

O objetivo geral deste estudo, portanto, consiste em uma análise do trabalho na contemporaneidade, que, aliando-se às concepções que caracterizam essa era como a era da técnica, expõe a capacidade produtiva como requisito fundamental para nortear a relação do homem com esse campo da sua existência. Nesse sentido, buscaremos compreender a relação homem-trabalho, com as questões que a constituem na contemporaneidade, a partir da fenomenologia-hermenêutica em Martin Heidegger.

## 2 | O TRABALHO E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Em síntese, podemos identificar as mudanças no campo do trabalho, a partir de dois polos, tomando como base o modo em que as transformações socioeconômicas aconteceram na sociedade ocidental moderna: a era da *Industrialização Clássica* ou capitalismo de produção (final do século XIX até meados do século XX) e a denominada *Era da Informação* (meados do século XX aos dias atuais) (RIBEIRO, 2009; SEVERIANO e ESTRAMIANA, 2006).

O período industrial clássico é frequentemente correlacionado a dois grandes marcos: a revolução industrial, com a mutação do trabalho artesanal para o trabalho industrial, e a sedimentação da ciência como a panaceia de todos os males da humanidade. Esses dois pontos se entrelaçariam e dariam origem a uma transformação irreversível no modo de vida das sociedades e no sistema socioeconômico – do feudalismo para o capitalismo – que passaria a dominar os sistemas de trabalho a partir de então. A atratividade do conhecimento científico, através da mensuração e da previsibilidade, constituiu-se como orientação do trabalho humano em um mundo sob transformação. Desse modo, a fabricação artesanal, de produtos para subsistência ou comércio local, de menor proporção, se desloca para o interior das fábricas,

transformando as mercadorias em valor de troca, e o artesão, antes dono do seu processo de trabalho (o que incluía ferramental, matéria-prima, local de fabricação etc.), passa agora ao papel de intermediário entre o proprietário do capital e o produto final. Na relação com o trabalho, o homem que, no período feudal, constituía a produção para sua própria subsistência e via no sucesso do seu trabalho uma graça divina, a partir da Revolução Industrial se vê desapropriado de suas ferramentas e do produto do seu trabalho e dependente dos interesses econômicos de terceiros, os empreendedores. O sucesso no trabalho agora é o resultado da melhor adequação a essa nova forma de produção.

Inicia-se um processo gradativo de mudança na organização do trabalho, em que os recursos empregados na produção são tomados para “atender ao imperativo absoluto da expansão do capital” (ANTUNES, 2009, p. 23). A máquina, substituta do trabalho manual, traduz a dimensão do que viria a se transformar a produtividade humana, concebendo-se de forma ilimitada, conforme acentua Decca (1995, p. 8-9):

Essa descoberta delirante da fábrica como lugar por excelência, no qual o trabalho pode se apresentar em toda a sua positividade, não só alimentou as projeções dos apologistas da sociedade burguesa, como também a de seus próprios críticos, na medida em que ela foi entendida como o momento de uma liberação sem precedentes das forças produtivas da sociedade. Assim, a fábrica, ao mesmo tempo em que confirmava a potencialidade criadora do trabalho, anunciava a dimensão ilimitada da produtividade humana através da maquinaria.

Segundo Decca (1995), a introdução da máquina no processo fabril se estabeleceu como uma “afirmação de novas relações de poder hierárquicas e autoritárias” (p. 30). Dada a resistência dos trabalhadores à disciplina impositiva do sistema fabril, aliada às débeis condições de trabalho, levando a movimentos frequentes de revolta, a máquina no ambiente produtivo representava não só uma expropriação do trabalho humano, mas também compreendia a usurpação da liberdade, da dignidade e da relação estreita que o trabalhador mantinha com seu trabalho.

Decca (1995) acentua também “o próprio limite da produção de *saberes técnicos*” (p. 36, grifo do autor) nesse início da industrialização. Ao dispor do rigoroso controle do modo de produção, o dono do negócio conseguia dispor também do saber técnico da fabricação, antes administrado pelo próprio artesão, conforme mencionamos. Tal modelo é potencializado pela Administração Científica do engenheiro Frederick Taylor. Este, um homem obstinado pelo cálculo e pela mensuração, observador minucioso, percebeu como a produtividade de uma indústria poderia ser exponencialmente ampliada com a análise, controle e padronização de métodos de trabalho, cronometricamente medidos e avaliados. Mais do que a tecnologia em si, o modo com que se efetuava a gestão do trabalhador, materializada em um “maior controle e disciplina do processo de trabalho” (DECCA, 1995, p. 37), determinava a eternização do sistema industrial e o distanciamento cada vez maior da autonomia do homem nessa relação, com vistas a uma maior eficácia do sistema.

A partir da Segunda Guerra Mundial, as mudanças despontavam no mundo e no ambiente de trabalho como iminentes, embora ainda gradativas e pontuais. Tem início a expansão das fronteiras entre os negócios, com a velocidade da mudança aumentando progressivamente. As organizações saem assim do ensimesmamento vivido no período anterior, para um olhar ante as relações existentes dentro e fora de seu ambiente.

Mas as décadas de 1970-1980 é que floresceriam como uma ruptura no cenário organizacional, devido à explosão da tecnologia de informação, principalmente através do computador, da Internet e do sistema de telefonia, com a informação cruzando o planeta em milésimos de segundos, integrando exponencialmente os países e, conseqüentemente, pessoas e negócios.

Um novo modelo de trabalho, denominado como *reestruturação produtiva* (PINTO, 2013; RIBEIRO, 2009), vem assim se instaurar, fazendo face ao modelo taylorista-fordista que atravessou o século XX, sendo o mais conhecido deles o modelo toyotista de produção. Este tem como princípios a “mecanização flexível, multifuncionalização da mão de obra, trabalhos em equipe, implantação de sistemas de qualidade total e *just in time*” (RIBEIRO, 2009, p. 39), elegendo um modelo de trabalho em que os processos passam a ser conhecidos por todos e modificados a cada nova necessidade, o que passa a ocorrer com relativa frequência.

A flexibilização se torna a palavra de ordem nesse novo sistema, a qual se dá em várias esferas, aqui representada basicamente em três: funcional, contratual e espaço-temporal. A flexibilização funcional se caracteriza pelo enxugamento dos postos de trabalho e pela minimização das condições de trabalho. A flexibilização contratual ocorre através da desregulamentação das condições contratuais entre trabalhador e empresa e da diversificação e precarização das modalidades de trabalho, coexistindo agora com o tradicional emprego formal o emprego de tempo parcial, temporário, terceirizado, intermitente etc. Com isso, o salário fixo pela venda da força e tempo de trabalho é substituído pela remuneração por produtividade (RIBEIRO, 2009).

Antunes (2009, p. 52, grifos autor) descreve que:

Há [...] um enorme incremento do *novo proletariado fabril e de serviços*, que se traduz pelo impressionante crescimento, em escala mundial, do que a vertente crítica tem denominado *trabalho precarizado* [...]. São os “terceirizados”, subcontratados, part time, entre outras formas assemelhadas, que proliferam em inúmeras partes do mundo.

A flexibilização espaço-temporal se dá pela relativização do tempo e do espaço, na medida em que o trabalho na contemporaneidade é marcado pela indefinição da extensão que a produção ocupa, podendo estar em um lugar hoje e em outro amanhã. Com a comunicação acontecendo em tempo real, através dos mais variados meios tecnológicos, a movimentação das organizações corporativas no globo terrestre passou a ocorrer com frequência incomum. Países e cidades que oferecem

melhores condições em termos fiscais, econômicos, sociais, de infraestrutura e oferta de negócios, tornaram-se os pontos de atração das empresas, movimentando-se conforme também se movimenta e se altera a conjuntura que as atraiu. Os trabalhadores, por sua vez, são pressionados a acompanhar essa dinamicidade, devendo interagir com as diversas unidades da empresa espalhadas pelo mundo, o que os obriga a percorrer – e algumas vezes se estabelecer em – diferentes locais do planeta.

O tempo, nessas circunstâncias, parece se imbricar na relação com o espaço, ao se considerar a exigência por resultados, que leva o trabalhador a correr constantemente contra o tempo para atender as metas que lhe são imputadas. Metas de curto prazo, lembremo-nos, pois o tempo nas organizações contemporâneas se transformou apenas no presente. Histórias e experiências passadas não são levadas em conta quando novos projetos exigem toda a atenção do profissional.

Na dinâmica do modelo vigente, com os processos de trabalho flexíveis, ágeis e multifacetados, a garantia de permanência do trabalhador na organização se vincula ao tempo em que sua utilidade se mostrar necessária. Tal aspecto coloca o trabalhador sempre na iminência do desemprego, o que impacta nas variadas dimensões de sua existência: familiar, social e nos aspectos intrapsíquicos, tendo em vista que o trabalho se configura atualmente como parte da identidade da pessoa (FREITAS, HELOANI e BARRETO, 2008). Fala-se, assim, não de uma ordem materializada, característica do período industrial, mas de um sistema volátil, intangível e constantemente mutável.

A informação girando em tempo real veio se juntar à flexibilização dos processos produtivos para acirrar categoricamente a competitividade entre as empresas, levando-as a se reinventarem continuamente. O pesado arsenal da industrialização no período industrial dá lugar à produção do conhecimento, visando a criação contínua de novos produtos e serviços. Nesse sentido, Alves (2011) aponta que é a subjetividade do trabalhador que é colocada hoje à serviço da produtividade. Segundo ele, “na nova produção do capital, o que se busca ‘capturar’ não é apenas o ‘saber’ e o ‘fazer’ dos trabalhadores, mas sua disposição intelectual-afetiva, constituída para cooperar com a lógica da valorização” (p. 111. Grifos do autor). Enquanto no modelo taylorista a exigência ao trabalhador restringia-se ao aspecto físico, “um homem tipo bovino” (TAYLOR, 1911/2011, p. 55), atualmente é a subjetividade do trabalhador que é demandada e manipulada pelas forças da acumulação flexível. Trata-se de colocar-se por inteiro no processo produtivo, potencializando a produção através da cognição, mas também dos valores e das crenças do trabalhador no interior de uma nova política de trabalho.

Tal modelo parece partir de uma concepção prévia sobre o homem e o trabalho, em que o primeiro seria dotado de características passíveis de serem modeladas, através de um processo positivista de diagnóstico e prognóstico. O segundo, nos mesmos moldes, parece ser compreendido de forma naturalizada, como se o trabalho sempre existisse na base de uma relação determinista, calcado na utilização do

homem sob fins únicos à produtividade.

Ocorre que o grau de esgotamento em relação às exigências sempre ilimitadas por produtividade e o vazio existencial relacionado à subjetividade materializada nos processos de trabalho parecem estar associados às inúmeras doenças ocupacionais vivenciadas atualmente pelo trabalhador. Tais doenças vêm se manifestando sob diversas formas como pânico, estresse, síndrome de burnout e até mesmo o suicídio (Castro, 2012, 2014; Glina, 2010). Han (2017) destaca que se trata de uma época neuronal em que transtornos como depressão, déficit de atenção, síndrome da hiperatividade e síndrome de Burnout se tornaram presentes nos corredores da medicina ocupacional como estados patológicos decorrentes do excesso de positividade no contexto organizacional.

### **3 | A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA EM MARTIN HEIDEGGER: UMA POSSIBILIDADE DE SE PENSAR A RELAÇÃO HOMEM-TRABALHO**

Como então pensar a tarefa da psicologia no campo do trabalho prescindindo dos elementos que caracterizam esse campo na atualidade, como produtividade e resultados ilimitados? Estes, como vimos, são determinações hegemônicas do mundo moderno, que, no entanto, têm levado o homem a transtornos diversos.

Ao pensar junto à filosofia de Heidegger, vemos que o contexto do trabalho se encontra profundamente calcado nas determinações de um tempo que ele denominou como *era da técnica*. Para Heidegger (1953/2007), a era da técnica refere-se a uma cadência que positiva os comportamentos ao modo do cálculo e da utilidade. Para esse pensador, o homem, diante da atratividade da ciência, perdeu a capacidade de reflexão e passou a conceber todas as coisas apenas sob sua relação de causa e efeito, sob a eficiência e produtividade. Sem esses atributos positivos, as coisas são destituídas de valor. Trata-se de um pensamento que apenas calcula e quantifica, com o total esquecimento de outro modo de estar junto às coisas, ou seja, meditando, contemplando e se articulando com as coisas ao seu redor.

Ocorre que o pensamento calculante, concebido como pensamento capital da era moderna, toma todas as coisas, como também o homem, por utilidade e serventia. Ou seja, criatividade, emoção e imaginação devem ser tratadas como atributos disponíveis a um objetivo. Objetivo que se converta em resultados tangíveis, de forma a ter sua utilidade validada. No contexto das organizações, conforme vimos anteriormente, tais atributos são tomados a serviço da produtividade contínua, dos quais devem ser extraídos todo o rendimento possível. É preciso que a produtividade nunca cesse tal como ocorre com as máquinas. Assim impera a ideia de que a técnica opera de modo instrumental, parecendo que é o homem que está no controle, no entanto são as determinações do mundo da técnica que assumem o posto de

controladora da existência.

A era da técnica para fazer valer seu modo de lidar com as coisas é revestido de alguns atributos como: fundo de reserva, funcionalidade e produtividade (HEIDEGGER, 1953/2007). No horizonte histórico do trabalho, o fundo de reserva aparece como um acúmulo incessante de saberes e fazeres, os quais são logo descartados e substituídos por novos saberes e fazeres. A funcionalidade se designa pelo caráter utilitário das coisas, ou seja, a atividade do trabalho deve estar sempre atrelada a uma funcionalidade, para que, dessa forma, ela se reverta em uma produtividade, um resultado. Trata-se, assim, de um produzir que não cessa nunca, em um modo ilimitado, desmedido, o que implica também em um incessante acúmulo de saberes e fazeres, que não se volta à contemplação do produzir, mas apenas e somente à sua funcionalidade e produtividade. Essa desmedida é o que caracteriza o trabalho na contemporaneidade.

O homem, imerso nesse horizonte da técnica, vê a si também como um ente produtivo, devendo “co-responder” a esse horizonte. Assim, ele passa a viver seu trabalho também pelo caráter do fundo de reserva, da funcionalidade e da produtividade, sendo o próprio homem também um depositário sem fim das tarefas, percebido apenas pela sua utilidade e sendo visto apenas como alguém que deve produzir e... nada mais.

Essa relação que o homem vem estabelecendo com o seu trabalho pode ser compreendida pela analítica da existência em Heidegger como a própria concepção do ser-aí, o *Dasein*. Para Heidegger (2012), a expressão ser-aí vem demonstrar que homem e mundo se encontram imbricados, em um processo de relação mútua. Ocorre que, sendo o ser-aí um ser que é lançado no mundo, e que se constitui nele, o seu modo de ser se move dentro de um eixo histórico. Conforme descreve Cabral (2004, p. 179), “a abertura *ek-sistente*, que constitui a liberdade do *Dasein*, é sempre histórica”. Assim, todo comportamento do *Dasein*, toda forma de o *Dasein* se relacionar com aquilo que lhe vem ao encontro, vem encontrar-se na historicidade do que lhe aparece, no qual o ser-aí se dispõe em variados modos. Nesse sentido, o *Dasein* acaba por perder-se no universo da sua existência, prendendo-se, de início e na maior parte das vezes, “às necessidades correntes de sua existência” (CABRAL, 2004, p. 183). O *Dasein* passa a não “ver” nada além desse único modo de lidar com as questões que aparecem na mundanidade de sua existência, acabando, ele próprio, por aderir ao modo do mundo factual.

Deixando-se absorver pelo cotidiano, pela medianidade da existência, sem refletir sobre ela, o homem se coloca no mundo como um autômato, não entra em contato com o seu ser mais próprio e vive, portanto, no aprisionamento das medidas pré-determinadas. Considerando que o modo de pensamento da atualidade se encontra vinculado ao modo de pensar técnico-calculante, o *Dasein* parte também da calculabilidade para pensar o mundo racionalmente e para então lidar “adequadamente” com ele.

Nesse corresponder do homem àquilo que lhe vem ao encontro e considerando o caráter de desmedida do trabalho vigente, é que esse homem passa a tomar-se também como um ente que vivencia o seu trabalho de forma ilimitada, sem pausas, envolvido exaustivamente com as demandas que lhe chegam.

Heidegger (2009, p. 135) nos lembra que o sentido da palavra *medida* é geralmente atribuído à objetividade das coisas, visto que a medição só é possível acontecer quando algo é pensado como objeto. A medida pré-determinada nomeia, delimita, circunscreve as coisas, limitando o objeto pesquisado dentro dos objetivos que se deseja atingir. Da mesma forma, o trabalhador hoje, para atingir a medida de sucesso profissional, deve estar adequado ao critério de correspondência do mundo moderno: qual seja, o de produzir incessantemente.

O homem, imerso na medida orientada pelo mundo, como nos diz Heidegger (2009), tende a se colocar como um autômato, sem refletir sobre sua condição de liberdade, que é inerente à existência, e segue na cadência do mundo. Esquecendo-se de sua condição de indeterminação, o indivíduo segue as orientações do mundo como as únicas possíveis. Tal modo de relação, ao se manter em uma única possibilidade, no caso, a de ter que produzir com eficácia e de forma desmedida, acaba por ignorar a relação singular que se dá entre o homem e o trabalho. Encobre, assim, os sentidos possíveis que esta pode manifestar em sua lida cotidiana. Ao orientar-se por concepções previamente delimitadas acerca do homem e do trabalho, a relação mais própria, a unidade originária homem-mundo, é colocada em segundo plano.

Percorrendo o caminho da filosofia heideggeriana, encontramos as concepções de Fenomenologia e Hermenêutica como suporte para nossa reflexão. A Fenomenologia é o método utilizado por Heidegger para sua compreensão do ser. Para descrever o método fenomenológico, Heidegger parte da análise filológica do termo *fenomenologia*, o qual se constitui de duas palavras gregas: *phainomenon* e *lógos*. Fenômeno, pelas próprias palavras de Heidegger (2012), em sua obra *Ser e tempo*, seria “o que se revela, o que se mostra em si mesmo” (p. 67, grifos do autor). Em síntese, podemos afirmar que apresentar uma postura fenomenológica consiste em “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo” (HEIDEGGER, 2012, p. 74), na existência tal como ela se apresenta. A Fenomenologia em Heidegger envolve também a concepção da hermenêutica, cujo sentido originário o filósofo também vai buscar na tradição grega. Nesta, hermenêutica vem de *hermeneuein* e refere-se ao deus grego Hermes, o “mensageiro divino” (HEIDEGGER, 1987, p. 110). Sua origem remonta também à interpretação dos escritos bíblicos e é vinculada à “arte da compreensão”. “Hermenêutica, no seu sentido mais próprio, significa captar uma interpretação dada por alguém ou uma situação, sem alterar-lhe o sentido” (FEIJOO, 2010, p. 42). Partindo da facticidade da existência, do viver cotidiano em que a existência sempre se coloca em jogo, a hermenêutica em Heidegger lança-se à sua compreensão, reconhecendo os aspectos mundanos



que se encontram co-partilhados no jogo do existir. Nesse sentido, a questão da compreensão do homem passa sempre pela compreensão do e com o mundo, com o outro, um ser-com. A fenomenologia-hermenêutica em Martin Heidegger implica uma compreensão do ser ao modo como este se apresenta, dentro de um horizonte histórico e temporal em que a existência sempre se coloca em jogo. A compreensão do homem passa pela própria dinâmica existencial, situada em um horizonte histórico, uma vez que é neste que o homem se encontra desde sempre e de algum modo. Como enfatiza Sá (2004), “para Heidegger, [...] o que caracteriza o modo de ser do homem, a existência, é justamente o fato de que seu sentido está sempre em jogo no tempo” (p. 43).

Ao buscar fenomenologicamente na própria existência as orientações para um processo de vida do trabalhador com o seu produzir, colocamos em questão as certezas petrificadas advindas do modo de pensar da modernidade e, como Heidegger (1999, 2012), abrimos a possibilidade de pensar a verdade constituída na movimentação do *Dasein*, no modo como o homem se dá em sua relação com o mundo. A verdade mais originária é a própria existência, é a vida. É pela vida, pela inseparabilidade homem-mundo, no cotidiano da existência, que o ser mais próprio do homem pode se mostrar. Desse modo, a medida existencial é anterior a qualquer proposição prévia, ela é o próprio desvelamento da abertura do homem no mundo. Para Heidegger, é o deixar-ser do homem, sendo o que é, em um processo de liberdade existencial. “A liberdade em face do que se revela no seio do aberto deixa que cada ente seja o ente que é. A liberdade se revela então como o que deixa-ser o ente” (HEIDEGGER, 1999, p. 161). Trata-se do ente mostrar-se em seu si-mesmo, em sua totalidade historial, a qual implica mostrar-se ao seu modo, pondo-se, ao seu modo, com o que lhe vem ao encontro.

A medida, no sentido da liberdade, retoma a concepção do ser-aí enquanto desvelamento, enquanto manifestação singular e, ao mesmo tempo, envolvido na pluralidade do mundo. Ao ser tomado pelas determinações do trabalho na atualidade e pelo pensamento técnico-calculante em seu fazer, sendo prioritariamente considerado pelo seu caráter de funcionalidade, o homem é aprisionado nessa medida, determinada como a medida do mundo moderno. O fenômeno da existência humana é usurpado e, em seu lugar, aparecem apenas as verdades estabelecidas pela era da técnica.

Ao atuar como intérprete do fenômeno, na concepção da interpretação hermenêutica em Heidegger referida anteriormente, a psicologia de base fenomenológica buscará apreender o sentido da relação homem-trabalho que se apresenta por si mesma e não por parâmetros que ditam a visada dessa relação. Conforme enfatiza Feijoo (2004), numa perspectiva hermenêutica, a psicologia atuará em uma anteposição libertadora, possibilitando ao outro o encontro consigo mesmo e com seu existir, facilitando para que as experiências se tornem presentes, sem condicioná-las a determinantes prévios. Trata-se de pensar a relação homem-trabalho e a medida dessa relação, em que ao homem seja dada a tutela da sua

existência, propiciando a reflexão sobre os modos com que ele nela se encontra.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procuramos refletir sobre o modo como a relação homem-trabalho historicamente se sedimentou desde a Revolução Industrial e, principalmente, nos dias atuais, em que ela vem se caracterizando pela flexibilização total, tanto dos processos de produção como na própria relação do homem com o seu produzir. Compreendemos que tal modelo, ocorrido a partir da Era Moderna, vem se consolidando por uma concepção de homem, cujo comportamento é supostamente passível de ser modelado, visando atender aos requisitos de produtividade. Produtividade esta que se coloca sem cessar, exigindo do trabalhador sempre altos níveis de desempenho.

Pensamos que é possível lançar um outro olhar para essa relação, compreendendo-a pelos caracteres ontológicos abordados pela fenomenologia-hermenêutica em Martin Heidegger. Esse pensador compreende que as relações que se estabeleceram a partir da era moderna eram calcadas no que ele denominava como *era da técnica*, quando a relação do homem com as coisas ao seu redor passaram a se constituir pelo pensamento técnico-calculante, colocando em secundário o pensamento reflexivo. Nesse sentido, as relações de trabalho também seguiram essa cadência e o homem passou a ser visto dentro desse contexto apenas por um caráter positivista.

Baseando-nos na fenomenologia-hermenêutica em Heidegger, compreendemos que é possível pensar a relação homem-trabalho que não seja pautada apenas pelo seu caráter positivista, mas pela abertura que se estabelece, de forma singular, entre o homem e o trabalho, e que, como tal, possa se apresentar sob suas diversas possibilidades. Seguindo essas concepções, acreditamos que seja possível pensar outras formas de o homem lidar com seu trabalho, não destituindo o modelo vigente, mas que resgate no homem sua apropriação para com o seu produzir, mantendo uma relação livre para com o trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALVES, G. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

CABRAL, A. M. **A mãe das verdades**: a originalidade e a originariedade do conceito de verdade em Heidegger. Rio de Janeiro: Maanaim; Adinvest, 2004.

CASTRO, F.G. **Fracasso do projeto de ser**: burnout, existências e paradoxos do trabalho. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

CASTRO, F.G. Suicídio e trabalho nos dias atuais: considerações sobre os paradoxos do mundo do trabalho. In: EWALD, A.; SOARES, J.C.; SEVERIANO, M.F.V.; AQUINO, C.A.B.; MATTOS, A. (orgs). **Subjetividades e temporalidades: diálogos impertinentes e transdisciplinares**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

DECCA, E. S. **O nascimento das fábricas**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FEIJOO, A. M. L. C. **A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial**. São Paulo: Vetor, 2010.

FEIJOO, A. M. L. C. A psicologia clínica e o pensamento de Heidegger em “Seminários de Zolikon”. **Revista Fenômeno Psi**. IFEN, 2(1), 9-16. Maio de 2004.

FREITAS, M.E. Suicídio, um problema organizacional. **RAE Publicações**. Caderno Especial: Pressões e Angústias do Mundo Corporativo. GV-executivo, vol. 10, nº 1, janeiro-junho 2011.

FREITAS, M. E.; HELOANI, R.; BARRETO, M. **Assédio moral no trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2008 (Coleção Debates em Administração).

GLINA, D. M. R. Modelos teóricos de estresse e estresse no trabalho e repercussões na saúde do trabalhador. In ROCHA, L. E.; GLINA, D. M. R. (Orgs). **Saúde mental no trabalho: da teoria à prática**. São Paulo: Roca, 2010.

HAN, B.C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 6. ed., Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zolikon**. Editado por Medard Boss. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2009. (Coleção Pensamento Humano)

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. **Scientiae Studia**, São Paulo: v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007. Disponível em: <[http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05\\_03\\_05.pdf](http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05_03_05.pdf)>. Acesso em: 02/03/2019.

HEIDEGGER, M. Sobre a essência da verdade. In: HEIDEGGER, M. **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

HEIDEGGER, M. **Carta sobre o humanismo**. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

PINTO, G. A. **A organização do trabalho no século XX: taylorismo, fordismo e toyotismo**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

RIBEIRO, M.A. **Psicologia e gestão de pessoas: reflexões críticas e temas afins (ética, competência e carreira)**. 1. ed., São Paulo: Vetor, 2009.

Sá, R.N. A questão do método na clínica daseinsanalítica. **Revista Fenômeno Psi**. IFEN, 2(1), 41-46, maio de 2004.

SEVERIANO, M. F. V.; ESTRAMIANA, J. L. A. **Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas: uma análise psicossocial**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

TAYLOR, F. W. **Princípios de administração científica**. Tradução de Arlindo Vieira Ramos, 8. ed. São Paulo: Atlas, 2011. (Obra publicada originalmente em 1911.)

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Rui Maia Diamantino** - É graduado em Processamento de Dados pela Universidade Federal da Bahia (1979) e em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2007). Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Arquitetura de Sistemas de Computação. Tem formação e experiência em teoria e clínica psicanalíticas. Exerce atividade clínica como psicólogo. É especialista em Teoria Psicanalítica, mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2010), área de concentração - Psicologia Social e do Trabalho, linha de pesquisa - Cognição e Representações Sociais orientado pelo Prof. Dr. Marcus Vinícius de Oliveira Silva, doutor em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2014), área de concentração - Psicologia Social e do Trabalho, linha de pesquisa - Indivíduo e Trabalho: Processos Micro-organizacionais, sob a orientação da Profa. Dra. Sonia Maria Guedes Gondim. É Professor Assistente da Universidade Salvador - UNIFACS, onde leciona disciplinas da graduação, desenvolve atividades de pesquisa e extensão universitárias e participa do Colegiado de Curso do Curso de Psicologia. Ensina a disciplina de Psicopatologia da Psicologia do Trânsito na pós-graduação *latu sensu* de Psicologia do Trânsito na FTC, Salvador, Bahia. Integra o núcleo docente estruturante (NDE) do curso de Psicologia da Faculdade Santa Casa, também em Salvador, Bahia. Tem artigos publicados em periódicos e capítulos de livros sobre clínica psicanalítica, psicologia organizacional, envelhecimento e psicossociologia.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ambientes sócio-morais 75, 76

Auto-estima 109

Avaliação psicológica 87, 88, 94, 96, 100, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109

### B

Brincar na primeira infância 60

### C

Cambio conceptual 14, 17, 18, 27

Cambio representacional 14, 17, 19, 20, 27

### D

Dasein 43, 45

Desenvolvimento do brincar 60

Diagnóstico organizacional 48, 49, 50, 53, 54, 57

### E

Epistemologia genética 1, 2, 3

### F

Finitude da morte 29

### I

Infinito matemático 1, 2, 3, 9, 12

### M

Martin Heidegger 33, 36, 37, 38, 42, 45, 46

Método clínico piagetiano 1, 4

### P

Peripatetic group therapy 136, 138

Psicologia fenomenológico-hermenêutica 36, 42

Psicologia hospitalar 110, 119, 122

### R

Re-estructuración representativa 14, 15

### S

Saúde mental no trabalho 47

### T

Therapeutic Accompaniment 136, 137, 138

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-732-1



9 788572 477321